

A Influência da Presença de Vegetação na Escolha por Ambientes no Campus Universitário Darcy Ribeiro

Henrique Melo Carvalho, Iron Ribeiro Chaves & Wiler Roger de Souza

Resumo: Este trabalho teve por objetivo investigar em quais contextos a vegetação pode influenciar na escolha de estudantes por ambientes no campus universitário Darcy Ribeiro. Para isso utilizou-se duas metodologias. Uma que visava levantar os dados qualitativos a respeito do tema - grupo focal. E outra os dados quantitativos que foram conseguidos por meio da aplicação de um questionário. Assim caracterizou-se dois tipos atitudinais básicos presentes no campus, as atitudes ambivalentes e as escapistas. Com relação a presença da vegetação e sua influência na escolha por ambientes.

Diversas correntes na psicologia consideram o ambiente como um dos fatores mais importantes, se não o principal, na constituição do indivíduo. Teorias como a comportamental, por exemplo, focam-se basicamente nas contingências do ambiente modelando o comportamento. Para essa teoria, o meio onde a pessoa cresce e se desenvolve é o que na verdade programa e constitui o sujeito em sua totalidade. O fato de que o ambiente pode modelar comportamentos é praticamente inegável, tanto que quase a totalidade das teorias de personalidade partem desse pressuposto. Mas também é fato que o indivíduo pode modificá-lo. O grande poder de adaptação que o ser humano possui hoje, conseguindo habitar praticamente todos os lugares, desde o Alasca ao deserto do Saara, se deve em grande parte a essa capacidade de transformar o ambiente em seu favor, dando aos lugares mais inóspitos condições para abrigar a existência humana. Assim parece que uma teoria psicológica que abordasse a constituição do sujeito em sua totalidade deveria, no mínimo, considerar essa relação mútua entre o indivíduo e seu ambiente.

A psicologia ambiental parte exatamente dessa linha de pensamento, de que o homem é modelado pelo meio, mas esse também pode modificá-lo, considerando uma relação recíproca entre indivíduo e ambiente. Itelson, Proshansky, Rivlin & Winkel (2005) definem a psicologia ambiental como uma área que:

“Vê o homem não como um produto passivo de seu ambiente, mas como um ser dirigido a seus próprios

objetivos que age sobre seu ambiente e que, reciprocamente, é influenciado por ele. Ao modificar seu mundo, o homem modifica a si próprio”.(p. 3)

O homem, ao modificar o ambiente, coloca ali suas preferências, o que lhe agrada, e que lhe traz maior conforto e previsibilidade. Itelson e cols. (2005) definem algumas características do ambiente e do seu modo de operação, que são úteis na compreensão desse estudo. A primeira delas é que o ambiente é visto como um campo unitário, ele é experienciado como um todo, apesar de ser percebido suas pequenas partes, é à constelação de estímulos, a sua totalidade, que respondemos. A segunda é que o ambiente está envolvido em um campo social e inseparavelmente ligado a ele, uma pessoa tem presença marcante no ambiente de outra e vice-versa como define Günther (2003) ao falar sobre os *affordances* do ambiente. Outra característica, importante é que o ambiente freqüentemente opera abaixo do nível de consciência. Ele pode passar longos períodos sem ser percebido, porém se algo é modificado e o organismo tem que se adaptar a ele, rapidamente é reconhecida a diferença. A quarta e última definição, relevante a essa pesquisa, é que o ambiente “observado” não é necessariamente o ambiente “real”. O que vemos e o que existe podem ser coisas bem diferentes, isso explica porque pessoas diferentes não conseguem experienciar um ambiente da mesma forma.

Um fenômeno muito percebido nos últimos anos, em ambientes urbanos, é que o homem vem progressivamente se aproximando do convívio com a natureza, seja buscando um refúgio no campo, seja trazendo um pouco do campo para dentro de casa e dos locais que habita, por meio de jardins, árvores ou mesmo um pequeno vaso de plantas. Gold (1977; em Alves e Gouveia, 1995) destaca que as propriedades próximas a áreas arborizadas eram mais valorizadas, apresentavam um baixo índice de mudanças de residências, as folhagens eram um tema dominante na memória das crianças que moravam na cidade e que essa necessidade provia uma grande diversidade sensorial a seus moradores.

O mesmo autor destaca duas atitudes típicas com relação às árvores na cultura contemporânea. São elas as atitudes ambivalentes e as atitudes integrativas. Na primeira delas as árvores são vistas como meras atrações, sendo dispensáveis para as necessidades culturais e funcionais no ambiente urbano. Já na segunda classe atitudinal elas são vistas como elementos essenciais para o planejamento do ambiente (Gold, 1977; em Alves e Gouveia, 1995). Alves & Gouveia (1995) propõem que além das duas classes opostas existe também uma intermediária, formada por aquelas pessoas que moram na cidade, porém

A Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental reproduz trabalhos sobre temas de psicologia ambiental e qualidade de vida urbana, produzidos por alunos de disciplinas tais como *Psicologia Ambiental*, *Psicologia Social*, e outras que dão oportunidade de alunos desenvolverem trabalhos sobre esta temática. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas e, freqüentemente, representam uma primeira oportunidade de realizar um estudo empírico.

Sobre o autor: Ao desenvolver este trabalho os autores eram alunos da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pelo professor Hartmut Günther, durante o segundo semestre de 2001.

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; hartmut@unb.br – www.psi-ambiental.net

☞ Como citar

Carvalho, H. M., Chaves, I. R., & Souza, W. R. (2006). A Influência da Presença de Vegetação na Escolha por Ambientes no Campus Universitário Darcy Ribeiro. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental*, N° 02. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

sonham com o campo. Por isso elas tentam representar a natureza em símbolos dentro do próprio ambiente por meio de jardins e vasos de plantas, por exemplo.

Ao se observar essa influência da arborização na preferência por ambientes, torna-se necessária a compreensão de como são feitas essas escolhas. Gibson (1979) fala sobre as *affordances* contidas nos estímulos ambientais. *Affordances* são o significado ou mensagens que os indivíduos extraem dos estímulos, com o objetivo de explicar as propriedades ambientais presentes. De acordo com essa perspectiva, o processo de percepção lida não somente com a informação sobre o ambiente, mas também com a produção de informação que tem relevância para a sobrevivência dos animais. A proposição de Gibson para o estudo da estética dos ambientes concebe grande importância para o papel ativo dos indivíduos. Essa ênfase na função que os objetos ou ambientes representam para o percebido, sejam humanos ou não, influenciou o trabalho de Kaplan & Kaplan (1989). De acordo com esses autores, o processo de percepção tem um papel crucial para a sobrevivência humana. É uma necessidade natural perceber ou antecipar os eventos que indicam sinais de perigo insegurança para a vida.

Kaplan & Kaplan (1989) argumentam que o processo de preferência é uma expressão das necessidades humanas subjacentes. Dessa forma, pode-se esperar que os julgamentos de preferência sejam mais positivos nos ambientes em que os organismos têm maiores chances de sobrevivência, e que sejam mais negativos nos ambientes em que os organismos têm menores chances de adaptação. Os seres humanos preferem os habitats nos quais possam se desenvolver de forma efetiva: “Num ambiente que fornece um funcionamento adequado, pode-se esperar que os indivíduos experienciem senso de segurança e competência... e sintam-se confortáveis com a situação”.

Por essa idéia pode-se notar que a avaliação que se faz do lugar em termos do que ele permite às ações dos seres humanos é o que determina o nível de preferência, preferência essa consequência da percepção do indivíduo. Sobre o enfoque da Psicologia Ambiental, o processo de percepção não considera apenas as propriedades dos estímulos, mas sim, reconhece o papel ativo que os indivíduos desempenham na interação com eles. Segundo Bechtel (2000): “Um comportamento está sempre amarrado a um local específico”. Este ponto de vista de Bechtel leva ao conceito de *Behavior Setting*, que é a forma como os mesmos organismos se comportam diferentemente em locais diferentes.

Tendo em vista que organismos se comportam diferente, em contextos e locais diferentes e que a vegetação possui traços que aparentemente levam as pessoas a preferirem os espaços onde ela exista. Este trabalho tem por objetivo investigar em quais contextos e situações a vegetação influencia na preferência por ambientes dentro da Universidade de Brasília. Analisando várias atividades desenvolvidas por alunos no dia-a-dia e em que razão a arborização/vegetação no campus pode alterar a preferência dos estudantes por ambientes.

MÉTODOS

Utilizou-se na metodologia dois procedimentos para que se atingisse os objetivos do trabalho. O primeiro deles visava levantar os dados qualitativos a respeito do tema, assim foi realizado um grupo focal sobre a importância da vegetação e dos jardins internos do campus universitário Darcy Ribeiro. O segundo procedimento consistiu na aplicação de questionários que tinham por objetivo comparar a importância desse aspecto verde em confronto com outros fatores que também poderiam

ser importantes na escolha por um ambiente na universidade, como, por exemplo, o silêncio e a ventilação.

Participantes

Para a realização do grupo focal foram utilizados três participantes todos eles do sexo masculino com idade variando entre os 20 e os 25 anos. Um deles era estudante de contabilidade do turno diurno e os outros dois estudantes de ciências da computação, sendo um do turno diurno e outro do noturno. Todos eram graduandos na Universidade de Brasília. Com relação aos questionários, foram utilizados 50 participantes de ambos os sexos, com idades variando entre os 18 e 26 anos. Os cursos foram bem variados, com estudantes de biologia engenharia florestal, psicologia e química, entre outros.

Procedimentos

Os membros do grupo focal foram selecionados aleatoriamente. Todos os membros eram conhecidos de algum dos pesquisadores, que fez o convite para que participassem do grupo. Esse fato facilitou à colaboração e foi a maneira mais simples para se driblar a rejeição de alguns potenciais participantes a colaborar com esse tipo de entrevista.

Ao início do trabalho os participantes foram informados que participariam de uma pesquisa sobre o tema psicologia ambiental e que lhe era facultado não responder alguma questão e, se quisessem, poderiam interromper a gravação a qualquer momento. Os demais esclarecimentos a respeito da pesquisa foram explicados ao final da entrevista a fim de evitar um possível viés, derivado da desejabilidade social, que poderia atingir os participantes.

O grupo focal foi baseado em cinco questões eixos que eram acrescentadas de outras que o entrevistador achava necessário para uma maior compreensão do tema. Foram elas:

- 1 O que você utiliza da vegetação e como faz isso?
- 2 O que isso te proporciona?
- 3 Qual a importância da vegetação, presente no campus e ao seu redor, em suas atividades diárias?
- 4 Como você percebe o campus levando em consideração os jardins internos da UnB?
- 5 Qual o tipo de transporte utilizado e se isso possui alguma importância em sua percepção desse ambiente?

O questionário consistia basicamente em comparar a importância da presença de vegetação com relação a outros fatores que poderiam interferir na escolha de um estudante por um ambiente, dentro do campus. Para isso foi levantado quais as principais atividades desenvolvidas pelos estudantes dentro do espaço da universidade, e a cada uma delas foi apresentado os fatores que poderiam interferir em sua escolha. Assim os participantes atribuíam um valor de 0 a 10 conforme o grau de influência de cada um deles a cada atividade.

As quatro atividades apresentadas no questionário foram: Estudar individualmente, namorar, descansar e reuniões de lazer. A cada uma delas foram associados os seguintes fatores, que poderiam influenciar em sua

escolha, que eram: o local ser aberto, estar em silêncio, ter sombra, ser ventilado, presença de vegetação e que dê privacidade.

RESULTADOS

Como citado anteriormente, os resultados obtidos se dividem em dois grupos derivados de instrumentos diferentes. O primeiro baseia-se principalmente nas informações qualitativas enquanto o segundo em dados quantitativos a cerca dos temas estudados.

Abaixo segue o resumo da entrevista semi-estruturada relativa à importância do espaço verde, da vegetação e da arborização do campus.

Síntese grupo focal

Em geral a área verde do campus é utilizada pelos mais diversos motivos. Um dos participantes cita que utilizou bastante a área do Centro Olímpico (CO). Nessa área ele fazia trilhas e caminhadas principalmente quando cursou a disciplina PD. Um outro afirma que não costuma fazer atividades regulares nesses espaços, pois durante o turno da noite essa possibilidade é bem reduzida. Uma área lembrada, por ambos estudantes do turno diurno, foi o gramado e as árvores situadas atrás do Instituto Central de Ciências (ICC), segundo eles muitas pessoas utilizam esse espaço para dormir conversar entre outras coisas.

Os jardins internos, que situam-se, entre os blocos A e B do ICC São citados como local de reuniões informais, aumentando o contato social, já sendo utilizado inclusive para a realização de confraternizações e lanches de recepção a calouros. Esse ambiente verde entre os blocos torna o campus um local atípico em comparação a outras universidades pois torna o ambiente bem mais leve, segundo os estudantes. Essa diferença, para eles, pode ser notada claramente entre o ICC, onde as áreas verdes são privilegiadas e os pavilhões onde o concreto contrasta com o branco das paredes. Isso torna o ambiente mais ríspido e diferente do restante do campus.

Essa vegetação ajuda em vários aspectos na vida acadêmica dos alunos. Para os participantes ela diminui a dificuldade das longas caminhadas que a geografia do campus exige. Torna o ambiente mais interessante e até mesmo aumenta a motivação. Para eles o que é visto no campus está próximo ao que é o plano piloto um espaço com bastante verde, e bem agradável.

Em geral ao serem questionados o que alteraria em suas rotinas se não houvesse toda essa arborização no campus, surgiram três respostas. 1º que tornaria o local muito mais quente. 2º que esse local ficaria esteticamente menos agradável e as longas caminhadas seriam mais penosas. E por último, que atrapalharia as saídas de campo de alunos de cursos como a botânica e a biologia.

O transporte utilizados pelos participantes foram todos diferentes entre si. Um deles vinha para suas aulas ou a pé ou de bicicleta, o segundo já possuía carro e o terceiro costumava utilizar-se de ônibus. Ambos concordaram que o fato da caminhada de quem anda de ônibus ou a pé, aumenta a possibilidade de contemplação de todo o

ambiente.

A iluminação para eles é muito deficiente no noturno o que faz com que seus alunos não tenham a possibilidade de observar e conseqüentemente utilizar esses espaços.

A mesma vegetação tão agradável, pode ser também um motivo de problemas. Devido a ela há um acúmulo de pássaros que costumam prejudicar as aulas nos anfiteatros e até mesmo a danificar equipamentos. Ainda assim os danos causados são bem menores que os aspectos positivos que eles podem proporcionar.

A insegurança que chegou a parecer como um certo problema, quando foi perguntado se o espaço verde poderia gera-la, foi destacada da arborização do campus. Os estudantes foram categóricos ao afirmar que eram outros motivos que a causavam a violência mas não esse. Foi muito citado a falta de iluminação durante a noite e a falta de policiamento como fatores principais dessa insegurança.

Resultados dos questionários

Na Tabela a seguir encontram-se as médias das respostas obtidas por meio dos questionários. Na coluna à esquerda encontram-se as atividades desenvolvidas pelos estudantes. Na coluna dimensão, os itens aos quais eles deram as notas de 1 a 10 conforme o grau de importância para cada uma delas. Por último suas respectivas médias, os desvios padrões e o valor modal.

Atividades	Dimensão	média	dp	moda
Estudar individualmente	O local ser aberto	4,20	2,97	5
	Ele ter sombra	7,62	2,84	10
	Ser ventilado	8,20	1,84	10
	Estar em silêncio	8,90	1,75	10
	Presença de vegetação	4,12	3,33	0
	Que dê privacidade	7,40	2,68	10
Namorar	O local ser aberto	4,26	2,79	5
	Ele ter sombra	5,66	2,88	8
	Ser ventilado	5,88	2,54	5
	Estar em silêncio	3,56	2,84	0
	Presença de vegetação	3,78	2,83	5
	Que dê privacidade	8,56	1,75	10
Descansar	O local ser aberto	3,88	2,79	5
	Ele ter sombra	8,54	1,96	10
	Ser ventilado	8,26	1,54	10
	Estar em silêncio	7,96	2,03	10
	Presença de vegetação	4,60	3,06	5
	Que dê privacidade	8,14	1,73	9
Reuniões de lazer	O local ser aberto	7,02	2,88	9
	Ele ter sombra	6,32	2,72	5
	Ser ventilado	7,18	2,31	9
	Estar em silêncio	2,00	2,45	0
	Presença de vegetação	5,16	3,12	5
	Que dê privacidade	3,40	2,94	0

DISCUSSÃO

Ao se analisar os dados nota-se, como já era esperado,

que a importância dos fatores variaram muito com relação a cada atividade. Assim estar em silêncio, por exemplo, atingiu 8,98 de média, quando a atividade a ser realizada era estudar e apenas 2,45 quando era em reuniões de lazer. Por motivos óbvios o silêncio é preponderante quando se deseja estudar e por motivos mais óbvios ainda não convém que o ambiente esteja em silêncio quando se está em uma festa ou em uma conversa em grupo.

O mesmo fenômeno ocorreu com diversos outros fatores como, por exemplo, com o fato do ambiente ser aberto que variou de 7,02 (reuniões de lazer) a 3,88 (descansar). Ou com o fator sombra que variou de 5,66 (namorar) a 8,54 (descansar). Porém nota-se que isto não aconteceu com relação à vegetação que praticamente não variou, tendo médias de 4,12 (estudar); 3,78 (namorar); 4,60 (descansar); 5,16 (reuniões de lazer).

O mesmo acontece ao se analisar a moda. Na primeira atividade, “estudar”, a moda foi 0, para vegetação. Porém depois se repetiu a nota 5, como a mais freqüente nas três outras.

Sabe-se pela literatura que é muito comum as pessoas atribuírem notas medianas a pesquisas que utilizam uma escala likert. Isso explicaria o motivo da grande incidência de respostas 5, mas ainda não o considerável valor de respostas 0.

Como descrito na introdução Gold (1977; em Alves e Gouveia, 1995) define dois tipos clássicos de atitudes perante a arborização urbana: as atitudes ambivalentes e as integrativas. Alves & Gouveia (1995) definem mais um tipo que são as escapistas.

Assim o grande contingente de pessoas que atribuíram nota 0 a necessidade de vegetação em suas atividades no campus, podem integrar o grupo das que possuem atitudes ambivalentes com relação a arborização. Nesse grupo as pessoas acreditam que a arborização possui um caráter meramente decorativo, não integrando o aspecto funcional do ambiente. É de se supor que essas pessoas possam ter atribuído as notas 0, já que não acham a presença desse tipo de organismo importante no ambiente.

As atitudes escapistas parecem integrar o outro grupo, dos que atribuíram importância 5. Segundo Alves & Gouveia (1995) essas pessoas moram na cidade, mas sentem saudade do campo, tentando significá-lo de alguma forma no ambiente urbano, por meio de jardins vasos de plantas e outros símbolos, daí as notas medianas a vegetação.

Assim essa distribuição tão pontual pode ser derivada desses três tipos atitudinais. Porém não foram encontrados muitas respostas com valor 10, para vegetação, apenas 5 vezes essa nota foi atribuída, equivalendo a 2,5% do total. O que dá um indício que as pessoas com atitudes integrativas são um número menor entre os estudantes universitários.

Um fator que também deve ser considerado e que poderia explicar as grandes incidências de respostas 0, para vegetação, é o fato de que o ambiente possui um forte caráter subjetivo. Dessa forma quando o estímulo está sempre presente, ele muitas vezes não é notado, porém

uma alteração que force o organismo a se adaptar aquele novo padrão, faz com que ele seja percebido rapidamente. Assim, como o padrão da vegetação é muito estável, sua percepção conseqüentemente é pequena, levando a uma interpretação de pouca relevância. Daí a sua baixa importância nas escolhas por ambientes, encontradas nesse estudo.

Esse fenômeno, de atribuir pouca significação a essa característica, mostrou-se completamente diferente durante o grupo focal. Nessa abordagem qualitativa a arborização se mostrou preponderante, e de grande importância na vivência no campus. Fatores como a estética do ambiente, melhorada pelos jardins (atitude escapista), redução da temperatura e como fornecedora de estímulos sensoriais (atitudes integrativas) formaram a maior parte do conjunto de respostas.

Esse fato corrobora mais ainda a idéia do caráter subjetivo do ambiente, já que ao serem convidados a refletir sobre a importância desses *affordances* os estudantes passaram a identificá-los como muito relevantes na escolha por um ambiente urbano. O que não aconteceu quando eles não tinham que pensar sobre essa importância devendo apenas responder a um questionário com uma série de perguntas.

Deve ficar claro também que praticamente qualquer comparação que ligue fatores às atividades, considerando apenas as médias conseguidas por meio dos questionários, devem ser feitas com muita cautela, devido à imensa dispersão encontrada. Ao se avaliar as notas, percebe-se que o desvio padrão de cada item é muito alto; chegando, em alguns casos, a ser maior que a própria média (tabela 1 e gráfico 1). Assim, leva-se a crer que os itens estudados possuem uma imensa variação individual, possuindo um forte traço subjetivo, o que dificulta qualquer tipo de generalização. O ambiente, como descrito na sessão de introdução, possui uma característica importante: “O que é percebido não é necessariamente o que é real” (Itelson e cols, 2005). Assim, dificilmente duas pessoas conseguem experienciar um mesmo espaço de forma igual, o que explica toda essa variação individual.

Portanto, leva-se a crer que, o que leva os estudantes universitário a escolherem um local/ ambiente para realizar as atividades estudadas nesse trabalho (estudar, namorar, descansar e participar de reuniões de lazer), no campus Darcy Ribeiro, são muito mais baseadas em fatores próprios, individuais, que em uma característica coletiva permeada pelo meio social.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a presença da vegetação como influenciadora na escolha de ambientes por estudantes universitário no campus Darcy Ribeiro, não variou muito conforme a atividade a ser desenvolvida; seja ela namorar, estudar, descansar ou reuniões de lazer. Variou sim, bastante, conforme os indivíduos, que se concentraram basicamente entre os que possuem uma atitude escapista e os que possuem uma atitude ambivalente com relação a esse fator. Esses dois tipos, parecem ser realmente

dominantes entre os estudantes.

Dois fatores também são marcantes e merecem ser destacados. Primeiro, que o ambiente trabalha abaixo do nível da consciência, como descrito por Itelson e Cols (2005). Assim quando a arborização/vegetação não tem uma grande elaboração ela perde em significado, como aconteceu na aplicação dos questionários. Porém, quando são trazidas para o domínio da consciência, como realizado durante o grupo focal, elas parecem ganhar significativa importância e é um traço marcadamente forte quando se fala em preferências por lugares. Contudo, deve-se considerar que isso mostra apenas uma tendência não podendo levar a uma generalização, já que o grupo focal teve apenas a participação de três colaboradores, como é comum em trabalhos qualitativos, não representando estatisticamente a grandeza da amostra.

Segundo que o ambiente possui um traço subjetivo forte. Isso é essencial na compreensão da grande variação que obteve-se nas respostas. Pois, conclui-se, que a preferência por ambientes se dá baseada em traços subjetivos, individuais, e que não possuem uma forma concreta que se enquadre a um grupo, a única exceção encontrada foi exatamente com relação a vegetação/arborização que variou pouco conforme descrito na sessão discussão.

Apesar do presente estudo trazer alguns dados interessantes a respeito da preferência por ambientes, seus dados não possuem uma confiabilidade grande com relação à população do campus. Foram aplicados apenas 50 questionários, que mesmo possuindo representantes dos mais variados cursos não podem ter seus resultados ampliados ao universo de 23 mil estudantes presentes na Universidade de Brasília.

Estudos posteriores podem aprofundar mais as questões aqui levantadas, e aumentando o tamanho da amostra obter dados generalizáveis a toda população, incluindo referências aos cursos, sexo e idade, informações sociodemográficas que não se incluíram nesse estudo por não fazer parte dos objetivos iniciais traçados. O estudo

qualitativo também pode ser repensado para pesquisas futuras, pois o confronto entre esses dados e os quantitativos trouxeram questões importantes e ajudaram bastante a compreender o modo de operação das escolhas e portanto também a preferência por ambientes.

REFERÊNCIAS

- Altman, I. (1975). *The environment and social behavior*. Monterey, California: Brooks/Cole.
- Alves, M. S. & Gouveia, V. V. (1995) Atitudes com relação à arborização urbana: Uma contribuição da psicologia ambiental para a qualidade de vida urbana. *Textos do laboratório de psicologia ambiental vol.4, nº 6*. Brasília: UnB/ laboratório de psicologia ambiental. Disponível no web site: <http://www.unb.br/ip/lpa/pdf/tlp19950406.pdf>
- Appleton, J. (1975). *The experience of landscape*. New York: John Wiley & Sons.
- Bechtel, R. (1996). *The paradigm of Environmental Psychology*. *American Psychologist*, 51, 1187-1188.
- Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Günther, H., & Rozestraten, R. J. A. (1993). Psicologia Ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1), 109-124;
- Günther, H. (2003) Mobilidade e affordance como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 273-280.
- Itelson, W. H.; Proshansky, H. M.; Rivilin, L. G. & Winkel, G. H. (2005). Homem ambiental. em: série: *Textos de Psicologia Ambiental*, Nº 14. Brasília: UnB/laboratório de psicologia ambiental. Disponível no web site: <http://www.psi-ambiental.net/pdf/14HomemAmbiente.pdf>
- Wicker, Alan W. (2002). *Ecological Psychology: Historical Contexts, Current Conception, Prospective Directions*: Handbook of Environmental Psychology, chapter 7, 114-116.